

ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS: INTRODUCTORY ASPECTS

Maria Felícia Romeiro Mota Silva *

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar uma visão geral de alguns conceitos e metodologia utilizados nas análises realizadas pela Análise de Discurso Crítica - ADC, com ênfase na abordagem proposta por Fairclough (2001, 2003) e no arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999). Nessa perspectiva, entende-se que a interação discursiva, que ocorre dentro das redes de práticas sociais contemporâneas, é fortemente influenciada pelas estruturas sociais, tanto reproduz discursos de grupos hegemônicos, quanto constrói discursos que podem viabilizar o empoderamento de grupos minoritários. Para compreender a dinâmica das representações discursivas, os traços ideológicos presentes nos textos e seus efeitos na vida social, torna-se essencial realizar análises linguísticas integradas a análises sociológicas. Os estudos em ADC buscam realizar reflexões que revelam práticas opressivas, e, principalmente, que viabilizem o empoderamento aos sujeitos que se encontram nestas condições.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso Crítica; Discursos Hegemônicos; Empoderamento.

ABSTRACT: The purpose of this article is to provide an overview of some concepts and methodology used in the analyzes conducted by Critical Discourse Analysis - CDA, with emphasis on the approach proposed by Fairclough (2001, 2003) and the theoretical-methodological framework of Chouliaraki and Fairclough (1999). From this perspective, it is understood that a discursive interaction within networks of contemporary social practices, is strongly influenced by social structures, both reproduce discourses from hegemonic groups and constructed discourses that can enable the empowerment of minority groups. In order to understand the dynamics of discursive representations, the ideological traits present in texts and their effects on social life, it is essential to conduct linguistic analyzes integrated with sociological analyses. Studies in CDA seek to carry out reflections that reveal oppressive practices, and, mainly, that enable the empowerment of subjects who find themselves in these conditions.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis; Hegemonic Discourses; Empowerment.

* Professora adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB); Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB); Graduada em Letras-Português e Especialista em Estudos Linguísticos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: maria.silva@ufob.edu.br

INTRODUÇÃO

A Análise de Discurso Crítica (doravante ADC) é uma área de estudo transdisciplinar de abordagem social, linguisticamente orientada e de posicionamento crítico explícito diante de questões sociais, assim definida por Fairclough (2001). A reflexão sobre as questões sociais mediadas pelos discursos e corporificadas em forma de textos tendem a gerar ações e mudanças nas práticas sociais, essa perspectiva imprime caráter crítico a esse campo de estudo.

Conforme Pedro (1998, p. 22), a preocupação da ADC é “entender o modo de funcionamento das visões subjacentes à constituição dos modos e das circunstâncias em que os estados de coisas são verbalizados”. As pesquisas nessa área estão particularmente interessadas em compreender como o discurso é usado para exercer poder e controle sobre as minorias. Isso pode incluir a legitimação de certas formas de autoridade, a marginalização de grupos sociais ou a perpetuação de desigualdades, além de focar a função do discurso ideológico imbricado nas estruturas sociais. Também discutem as possibilidades de mudança nas estruturas de poder e os papéis dos atores sociais com potencialidade de emancipação dos sujeitos. Nesse contexto, são temas que interessam a esse campo de estudo: política e economia neoliberal; hegemonia e contra-hegemonia; ideologia; estrutura social e agenciamento; identidades; discurso e práticas sociais; mídia de massa; gênero social; raça, etnias e multiculturalismo, dentre outros temas em debate na contemporaneidade.

Este artigo¹ tem por objetivo traçar um panorama sobre alguns fundamentos teóricos-metodológicos adotados nas análises pela ADC de abordagem faircloughiana e de outros pesquisadores que se relacionam com essa área de estudo científico.

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: BREVE HISTÓRICO

O termo “Análise de Discurso Crítica” aparece pela primeira vez em 1985, no artigo *Critical and Descriptive Goals in Discourse Analysis* do linguista britânico Norman Fairclough, publicado no periódico *Journal of Pragmatics*. Anteriormente a essa publicação, na década de 1970, as discussões sobre discursos nas práticas sociais já faziam parte da agenda dos estudiosos da Linguística Crítica - LC, um exemplo é o livro *Language and Control* dos pesquisadores Fowler, Hodge, Kress e Trew (1979) que aproxima os estudos de texto aos conceitos de poder e ideologia, essa publicação teve boa repercussão entre os pesquisadores da linguagem, de acordo com Magalhães (2005). Os estudos da ADC ampliaram as discussões iniciais propostas pela LC, pois aumentou o escopo de investigação e “desenvolveu o estudo da linguagem como

¹ O presente artigo é um recorte sobre os pressupostos teóricos da ADC apresentados na Tese intitulada *Formação de Professores de Língua Portuguesa: construções discursivas sobre identidade e espaços sociais a partir da atuação do PARFOR no oeste da Bahia*. Esse estudo foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação do professor Dr. Guilherme Veiga Rios (INEP/UnB), e recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

prática social, com vistas à investigação de transformações na vida social contemporânea”, conforme Magalhães (2005, p. 03).

Um marco importante para a consolidação da ADC como área de estudo científica é o simpósio na cidade de Amsterdã, em janeiro de 1991. Nesse evento, Teun A. Van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo Van Leeuwen e Ruth Wodak discutiram diferentes abordagens teórico-metodológicas para análises de discurso. A partir dessas primeiras discussões, outros estudos, publicações e eventos foram acontecendo em rede de pesquisas amplamente divulgadas internacionalmente, segundo Wodak (2001).

No Brasil, os primeiros estudos voltados para a ADC surgiram na Universidade de Brasília-UnB em 1986, sendo Isabel Magalhães a pioneira nas pesquisas dessa área e a primeira professora a ofertar a componente no programa de Pós-Graduação em Linguística-PPGL/UnB (Ottoni e Magalhães, 2020).

Também são consideradas referências importantes dos primeiros estudos da ADC: os livros *Prejudice in Discourse* (Van Dijk, 1984), *Language and Power* (Fairclough, 1989), *Language, Power and Ideology* (Wodak, 1989) e a Revista *Discourse and Society* editada por Van Dijk (desde 1990). No Brasil, o artigo *Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso* (Magalhães, 1986) publicado pela revista D.E.L.T.A. e a tradução do livro *Discourse and Social Change (Discurso e Mudança Social)* para o português brasileiro (Fairclough, 2001).

Seja qual for a vertente adotada², as análises em uma perspectiva crítica consistem em relacionar aspectos linguísticos-discursivos com a macroestrutura social para desvelar práticas particulares, ideologias e relações de poder. A proposta integrada de análises linguística e social revela o que está além da superfície textual, busca demonstrar como o discurso ocorre em relação ao contexto em que ele foi produzido e como circula socialmente (Wodak, 2001; Van Leeuwen, 2008).

Resende e Ramalho (2011, p. 107) pontuam que as “pesquisas em análise de discurso são empreendimentos complexos, que não se limitam à análise textual. Ao contrário, exigem numerosas leituras em Ciências Sociais, reflexões sociais e/ ou trabalho de campo”. As análises de aspectos linguísticos constituem apenas uma parte da análise de discurso, uma vez que também se faz necessário considerar o contexto social (conjuntura e as práticas particulares entre outros) e as interações entre os atores sociais. As análises em ADC permitem observar como se dão as relações assimétricas de poder legitimadas por convenções sociais e as possibilidades de resistência e empoderamento.

Na América Latina, diversos estudiosos/as se dedicam aos Estudos Críticos do Discurso e ampliam o debate trazendo para a discussão questões sobre a necessidade de propor teorias

² Na ADC, as principais vertentes são: Dialético-Relacional (Norman Fairclough); Sociocognitiva (Teun A. Van Dijk); Histórico-Discursiva (Ruth Wodak & Martin Reisigl); Representação dos Atores Sociais (Theo Van Leeuwen); Linguística de *Corpus* (Gerlinde Mautner); Análise de Dispositivo (Siegfried Jäger & Florentine Maier).

e métodos para análise em contextos regionais e locais, questionando a colonialidade do saber, como destaca Pardo (2019).

TEXTO, DISCURSO E PRÁTICAS SOCIAIS

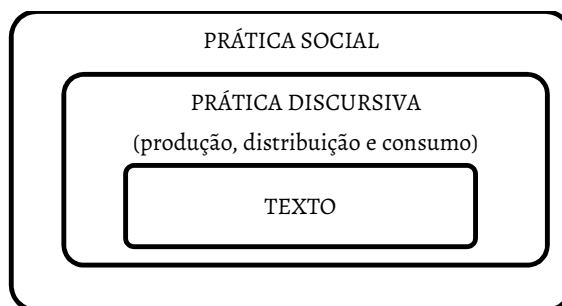
O termo Discurso utilizado na ADC vai além do ato comunicativo, ele refere-se a uma prática social complexa e dinâmica que envolve não apenas a linguagem verbal, mas também os aspectos sociais, culturais e ideológicos dominantes que permeiam a produção, distribuição e interpretação de textos. Nesse contexto, entender o discurso como parte da prática social significa percebê-lo como uma forma ação e a representação do mundo, além de buscar compreender como as interações e as identidades são constituídas, conforme Fairclough (2001, 2003).

As análises de textos que circulam nas diferentes atividades realizadas no âmbito das práticas sociais podem revelar as diferentes visões de mundo e as maneiras pelas quais a linguagem relaciona o discurso, a ideologia e a sociedade. Foucault³ (2012, p. 66) ressalta que “a análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra, à luz do dia, o jogo de rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação”. Em um conjunto de possibilidades de interpretações sobre dada representação, a análise de discurso em sua vertente crítica, propõe um modelo teórico-metodológico que busca analisar as estratégias discursivas, os efeitos do discurso, as relações de poder e as transformações sociais mediadas pela linguagem.

Para melhor compreender o funcionamento do discurso no âmbito social, Fairclough (2001) propõe a concepção tridimensional do discurso que consiste em um modelo de análise conjunta da *prática social* (acontecimentos na prática socio-político-cultural), da *prática discursiva* (cadeias intertextuais e interdiscursivas que interligam os processos de produção, distribuição e consumo textual) e do *texto*⁴ (produto falado e/ou escrito ambivalente e aberto a variadas interpretações). O modelo tridimensional faircloughiano é representado pela figura a seguir:

³ Nesta pesquisa, utilizamos 22ª edição da versão traduzida do livro *L'ordre du discours* para o português brasileiro (*A Ordem do Discurso*). A primeira edição da obra foi publicada em 1971 e apresenta a aula inaugural de Michel Foucault no Collège de France, proferida em 2 de dezembro de 1970.

⁴ Além dos textos de natureza verbal, Kress e Van Leeuwen (1996) acrescentam a essa discussão a interação com outras formas de expressão semióticas presentes em textos multimodais, tais como, som, imagem, tipografia, gestos, postura e outros.

Fig. 01 – Concepção Tridimensional do Discurso

Fonte: Fairclough (2001, p. 101).

Ao considerarmos essas três dimensões nos processos de *descrição* e *interpretação* podemos realizar uma análise mais aprofundada para verificar de que maneira o discurso é utilizado como uma prática social que não apenas reflete, mas também molda as dinâmicas sociais e as estruturas de poder dentro de uma sociedade. Para tanto, precisamos examinar escolhas linguísticas específicas, estruturas sintáticas, estratégias argumentativas, a disposição das informações no texto, negociação de significados, aspectos multimodais (imagens, *layout*, etc), contexto social e ideológico, posicionamento dos sujeitos, entre outros aspectos (Fairclough, 2001).

A partir da concepção tridimensional, o teórico propõe categorias analíticas para cada dimensão, são elas: na *análise textual* – vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual; na *prática discursiva* - produção, distribuição, consumo, força, coerência e intertextualidade; na *prática social* – ideologia e hegemonia. O autor ainda ressalta que “uma oposição rígida entre ‘conteúdo’ ou ‘sentido’ e ‘forma’ é equivocada porque os sentidos dos textos são estreitamente interligados com as formas dos textos, e os aspectos formais dos textos em vários níveis podem ser investidos ideologicamente” (Fairclough, 2001, p. 119).

Reafirmado o que foi discutido anteriormente, a análise da *prática social* se faz importante para melhor compreender o contexto em que os discursos se inserem e como as ideologias e a hegemonia afetam os significados presentes nos textos. Para Thompson (2011), as ideologias são caracterizadas por relações de dominação e estão incorporadas às práticas discursivas com o intuito de manter ou reestruturar relações hegemônicas. As análises em ADC levam em consideração os aspectos organizacionais das estruturas e grupos de poder na sociedade, desse modo, fatores econômicos, políticos, socioculturais e ideológicos são considerados parte dos *corpora* da pesquisa.

Na análise da *prática discursiva*, deve-se considerar que na produção, na distribuição e no consumo de textos, perpassam diferentes discursos que atendem a interesses particulares de acordo com os contextos sociais diversos. O processo de produção textual não se dá sem motivações, ao contrário, é muito bem articulado e pensado para produzir efeitos de sentido,

considerando diversos aspectos, tais como: a seleção de palavras e frases, a construção discursiva, a forma de circulação do texto e o público alvo. Os recursos (linguísticos e não linguísticos) utilizados em uma produção textual funcionam como força persuasiva e impulsionam a aceitação de discursos. Neste aspecto, podemos considerar que a construção de sentido (coerência) na interpretação dos textos também pode ser afetada ideologicamente, “entretanto, existe a possibilidade não apenas de luta quanto a diferentes leituras dos textos, mas também de resistência às posições estabelecidas nos textos”, conforme Fairclough (2001, p.114).

Outro aspecto a considerar na análise discursiva é a intertextualidade. Fairclough (2003) define intertextualidade como a presença de “vozes particulares” que aparecem nos discursos, ora representadas por meio de transcrições (discurso direto), ora por meio de paráfrases, ou ainda, assimiladas em pressuposições. A menção de outras falas é uma estratégia discursiva com intuito de legitimar determinados posicionamentos a partir das conexões e referência a outros textos. Mas é preciso destacar que ao serem retiradas de contexto, as citações ganham novos significados, principalmente, quando são distorcidas.

Outra característica relevante presente nos textos que deve ser analisada é a interdiscursividade. Fairclough (2003) conceitua interdiscursividade como a mescla de discursos articulados com vistas a atender práticas institucionalizadas, associados a diferentes maneiras particulares de representar aspectos do mundo e de constituir identidades.

A interdiscursividade desempenha um papel crucial na formação e reprodução de ideologias, uma vez que os diversos discursos imbricados (políticos, religiosos, educacionais, jurídicos e outros) interagem para construir e legitimar visões de mundo particulares, valores sociais e normas culturais. Isso influencia na constituição das identidades e como os sujeitos se posicionam dentro de determinados campos sociais e políticos.

Na *análise textual*, são considerados desde os aspectos linguísticos (vocabulário, gramática, coesão) até os estruturais da composição do texto, avaliando também a função social de cada gênero discursivo. Sobre as análises linguísticas socialmente fundamentadas, Pedro (1998, p. 36) defende que é necessário levar em conta todos os elementos significativos da situação sociocultural ao analisar textos, incluindo a posição, o papel e a subjetividade do ouvinte/leitor, bem como o meio/canal utilizado na comunicação.

No que concerne as categorias gramaticais, Fairclough (2001) afirma que essas remetem a vários aspectos que não podem ser reduzidos a descrições de categorias linguísticas, uma vez que há nos textos muitas implicações na rede de práticas sociais. A organização dos elementos gramaticais dispostos nos textos não é um mero acaso, pois a rede de sentido e significações é socialmente motivada e as interpretações atribuídas aos textos, por vezes, são condicionadas por interesses particulares de grupos hegemônicos.

Halliday (1994) defende que a linguagem se desenvolve para suprir as necessidades humanas e, desta forma, não pode ser analisada sem considerar o contexto social, uma vez

que funciona como um sistema de significados produzidos pelos usuários da língua a partir de uma rede de opções instituídas socioculturalmente. Na concepção funcionalista Hallidiana, as escolhas lexicais utilizadas por um usuário da língua em um texto trazem marcas de sua identidade, que podem ser percebidas ou não na superfície textual. Nessa mesma perspectiva, Van Leeuwen (2008) considera que investigar o discurso é analisar como os atores sociais⁵ agem no mundo e constroem identidades e a sua realidade social.

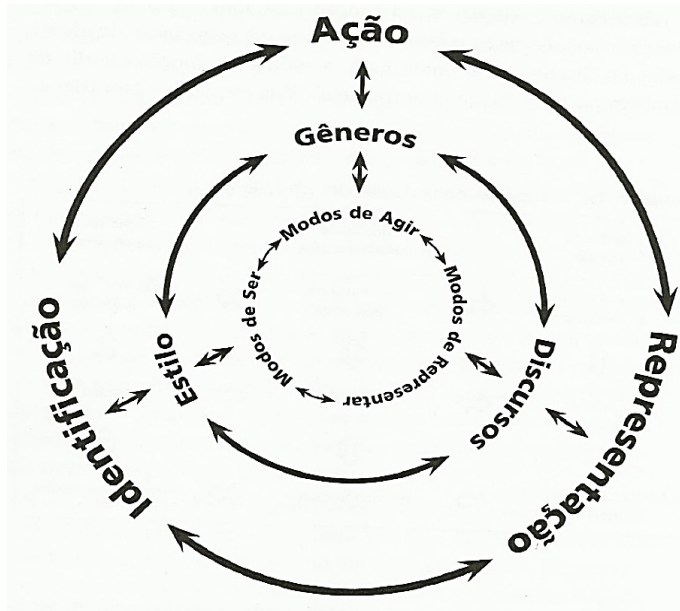
Ao tomar por base a Teoria da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994), mais especificamente os estudos das metafunções⁶, Fairclough (2003) propõe a análise dos três tipos de significados do discurso: 1. *Significado Acional* (relações de ação com/sobre os outros a partir dos gêneros discursivos); 2. *Significado Identificacional* (relação ética e moral de identidades individuais e sociais constituídas discursivamente sobre si e sobre os outros); 3. *Significado Representacional* (relação de controle sobre as pessoas e instituições a partir de representações particulares que são realizados em conexão com a rede de práticas sociais).

A maneira como os elementos da ordem do discurso⁷ se relacionam nas práticas sociais, produzem relações dialéticas e simultâneas com os significados do discurso, assim, os significados acional, representacional e identificacional são legitimados a partir do discurso nos modos de agir, de representar e de ser configurados na rede de práticas sociais conforme Fairclough (2003). Tomando por base esses conceitos apresentados, Ottoni (2014, p. 32) representa, na figura a seguir, a relação dialética entre os elementos da ordem do discurso e os significados do discurso.

⁵O termo *ator social* está relacionado aos papéis sociais, ao agenciamento do sujeito e aos modos de representação desse nas práticas sociais através dos discursos (Van Leeuwen, 2008).

⁶Segundo Halliday (1994), a linguagem desempenha três metafunções ou funções sociais básicas: Ideacional, Interpessoal e Textual. É por meio dessas metafunções que se pode identificar como pessoas representam o mundo, interagem umas com as outras e criam textos significativos em determinado contexto de situação (Halliday, 1994).

⁷É possível perceber nas definições sobre os significados do discurso, forte influência dos estudos de Foucault (2012) sobre a ordem do discurso e sobre os eixos da experiência, uma vez que gêneros, discursos e estilos estão dialeticamente articulados e se alinham respectivamente ao eixo do poder, ao eixo do saber e ao eixo da ética.

Fig. 02 – Relação dialética entre a ordem do discurso e os significados do discurso

Fonte: Ottoni (2014, p. 32).

A figura 02 demonstra o caráter dinâmico dos significados do discurso e sua relação com os elementos da ordem do discurso. A articulação desses itens acontece de maneira simultânea e integrada, devido ao processo dialético da relação entre o social e o discursivo, o que torna inviável e inconsistente uma análise que desconsidere essa inter-relação.

O mundo social é constituído pela linguagem e conseqüentemente por textos carregados de crenças, atitudes e valores que são parte dos eventos sociais⁸. Ao analisarmos o *significado acional* observamos o discurso como modo de ação e interação nas práticas sociais a partir dos gêneros discursivos. É importante destacar que o conceito de gênero discursivo adotado em ADC está para além da estrutura e classificação formal dos textos. O aspecto acional presente nos gêneros situados está relacionado à interação linguística em aspecto mais amplo. Sua característica fluida, algumas vezes associado ao hibridismo e carregada de intencionalidades, traz o potencial de mudança e transformação de práticas sociais. É importante destacar que “um gênero implica não somente um tipo particular de texto. Mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos” (Fairclough, 2001, p. 161).

⁸As diferenças entre evento social e prática social residem na natureza temporal e na regularidade. Enquanto um evento social é um acontecimento específico e pontual, com uma duração limitada, a prática social é uma atividade contínua e rotineira que permeia a vida social. No entanto, deve-se considerar que ambos são moldados por fatores culturais, históricos, econômicos e políticos, e desempenham um papel crucial na formação da identidade individual e coletiva dos atores sociais (Fairclough, 2001, 2003).

No que se refere às estruturas genéricas, Fairclough (2003) classifica os gêneros em diferentes níveis de abstração: os pré-gêneros⁹ como categoria mais abstrata que se refere a características tipológicas dos gêneros discursivos, alguns exemplos: narração, descrição, argumentação; já os gêneros desencaixados possuem natureza um pouco menos abstrata e correspondem a potenciais realizações linguísticas concretas, que quando realizados em uma prática social particular se tornam gêneros situados. Podemos tomar como exemplos a entrevista (gênero desencaixado) e a entrevista jornalística, a entrevista de emprego, a entrevista de pesquisa científica (gêneros situados).

Nem sempre, os gêneros discursivos possuem estrutura e função fixa rígida, Fairclough (2003) considera que a hibridização de gêneros, como uma constituição estrutural de novos gêneros situados na prática social, pode instituir uma estratégia de manipulação ideológica e manutenção hegemônica.

O *significado representacional* evoca as várias representações discursivas de aspectos do mundo físico, mental e social através dos discursos presentes nas práticas sociais. Fairclough (2003) argumenta que o discurso é um meio através do qual as “realidades” sociais são construídas e interpretadas, pois contribuem para a criação de significados que moldam como os indivíduos percebem e entendem o mundo ao seu redor. De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), alterações nessas práticas podem ser resultantes de uma reflexão sobre os aspectos sociais mediadas pelos discursos e materializadas em forma de textos. A análise das representações permite desvelar como os discursos são utilizados para exercer poder, negociar significados e moldar relações sociais dentro de contextos específicos.

A análise do *significado identificaciona* objetiva visualizar como as identidades são construídas e/ou negociadas socialmente nos e pelos discursos nos diferentes eventos e práticas sociais. Sobre esse ponto, Fairclough (2012, p. 95), defende que “a representação é um processo de construção social de prática, inclusive a autoconstrução reflexiva – as representações entram nos processos e nas práticas e moldam-nos”. De tal modo, o discurso de uma instituição ou organização, quando apresentado ao indivíduo pode ser *encenado* ou *inculcado* nos modos de agir e de interagir, inclusive nos estilos.

Hall (2011) destaca as identidades como *performance*, sendo assim, não podem ser consideradas como fixas, essenciais ou permanentes, ao contrário, são fluidas, formadas e transformadas pelas representações, pois, são os valores histórico-culturais que estabelecem as significações por meio do discurso, organizam ações e concepções de mundo e identificam os sujeitos. As identidades individuais e coletivas na pós-modernidade apresentam-se fragmentadas, múltiplas, complexas e carregadas de contradições e instabilidades.

As diversas maneiras de representação constroem identidades e revelam como os discursos imbricados nas estruturas sociais reproduzem aspectos ideológicos que privilegiam

⁹Termo utilizado por Swales (1990) e posteriormente adotado por Fairclough (2003).

grupos e os mantêm no poder. Nas representações, atores ou grupos sociais podem ser apagados ou exaltados, incluídos ou excluídos quando mencionados nos textos, o que indica como eles são vistos e identificados socialmente, atendendo a interesses particulares do produtor dos textos, e/ou das instituições a ele relacionadas, como defende Van Leeuwen (2008). Contudo, ainda que esses agentes sociais sejam afetados fortemente pelas ideologias, é possível que haja modificações nas práticas de dominação estabelecidas por meio de discursos e ações contra hegemônicas, uma vez que as mudanças nas práticas sociais decorrem da dinamicidade da regulação e transformação que são próprias dessas, como defende Fairclough (2001, 2003). Essas relações se dão de maneira muito complexa nas práticas sociais, o que demanda muito esforço e exercício analítico, sendo necessário recorrer a diferentes áreas teóricas e metodológicas a depender do estudo.

IDEOLOGIA E PODER

Os estudiosos das vertentes críticas defendem que a ideologia é utilizada para justificar e legitimar determinadas estruturas de poder, hierarquias sociais e relações de dominação, portanto, deve ser vista como um instrumento que molda as percepções, valores e comportamentos das pessoas dentro de um contexto histórico e político particular. Adotando essa concepção, Marx e Engels (2014)¹⁰ consideram ideologia como uma ideia, discurso ou ação que dissimula a realidade por meio da ilusão, revelando apenas sua aparência e ocultando as relações de poder. Para esses autores, a ideologia é considerada um instrumento de dominação, construído historicamente, utilizado pelas classes que detêm o poder político e econômico e agem por meio da persuasão para alienar e explorar o indivíduo.

Influenciado pelos estudos marxistas, Althusser (1980) observa a maneira como as ideologias agem nas estruturas sociais por meio de *Aparelhos Repressivos do Estado* – ARE (governo, administração, exército, polícia, tribunais, prisões e outros) e *Aparelhos Ideológicos do Estado* – AIE (escola, família, igreja, judiciário e outros). Para o filósofo, a ideologia intervém em aspectos da vida social por meio de representações da relação imaginária que os sujeitos têm sobre si e sobre o mundo com suas condições reais de existência. Os ARE agem pela violência, seja ela física ou não, para garantir a reprodução das relações de produção, enquanto que os AIE atuam por meio da subordinação à ideologia de dominação. As ideologias possuem caráter dinâmico e provêm da luta de classes antagônicas.

Na perspectiva althusseriana, as instituições escola, igreja, família, do sistema político, do sistema jurídico, sindicatos, de informação e da cultura agem como aparelhos ideológicos, reproduzindo as relações de produção do modo capitalista, que garantem a hegemonia, as relações de exploração por meio do trabalho e a acumulação de capital nas mãos das elites.

¹⁰ A primeira versão da obra *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels, foi publicada em 1848.

De acordo com Bakhtin/Volóchinov¹¹ (2006, p. 30) a ideologia não é externa ao semiótico, mas inerente a ele, “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico*” [Grifo do autor]. O signo permite diferentes interpretações a partir de visões particulares de mundo e interesses. Os valores simbólicos refletem e refratam a esfera social, dessa forma todo e qualquer enunciado é ideológico.

Thompson (2011) também adota uma concepção crítica de ideologia, mas que lhe retira o caráter de ilusão ou de falsa consciência, e situa a discussão na construção de significados no contexto da cultura moderna e no *modus operandi* da ideologia como estratégias de construção de formas simbólicas utilizadas para manter e reproduzir relações de dominação, essas configurações constituem “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (Thompson, 2011, p.79).

O referido autor propõe cinco categorias analíticas¹² que se subdividem para a análise dos modos de operação da ideologia: a *Legitimação* que consiste em representações que reforçam e potencializam as relações de dominação e as tomam como legítimas; a *Dissimulação* que destaca o modo como as relações de dominação podem ideologicamente ser ocultadas, negadas ou obscurecidas nas representações; a *Unificação* que age na construção simbólica de uma identidade coletiva, sem considerar as diferenças entre grupos sociais; a *Fragmentação* que é a representação segmentada e pejorativa de indivíduos e grupos como potencial ameaça ao grupo dominante; a *Reificação* que consiste na representação de uma situação transitória, como permanente e natural, desconsiderando fatores socio-históricos (Thompson, 2011, p. 81-89).

O conceito de ideologia adotado pela ADC se filia às concepções adotadas pela Teoria Social Crítica de Thompson. Fairclough (2001, p. 117) compreende que as ideologias consistem em representações particulares legitimadas pelo discurso que também determinam modos de ser e agir na sociedade. As ideologias diluídas nas práticas discursivas são muito eficazes enquanto estratégias de manipulação e manutenção de poder, principalmente quando se naturalizam e alcançam “*status de senso comum*”.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 25), influenciados pelos estudos de Gramsci, afirmam que a hegemonia está presente em várias convenções discursivas associadas à ideologia e “é vista em termos da relativa permanência de articulações de elementos sociais. Essa conceituação

¹¹ Redigido no âmbito do Círculo de Bakhtin por Valentin Nikoláievitch Volóchinov a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* teve sua primeira publicação em 1929 e foi atribuída a Mikhail Mikhailovich Bakhtin.

¹² As categorias descritas por Thompson (2011, p. 81-89) também apresentam subcategorias, são elas a saber: a categoria *Legitimação* pode-se realizar por meio de três estratégias de construção simbólica: Racionalização, Universalização e Narrativização; a *Dissimulação* pode operar por meio de: Deslocamento, Eufemização, Tropo; a *Unificação* pode atuar utilizando duas estratégias: a Padronização e a Simbolização da Unidade; a *Fragmentação* se subdivide em: Diferenciação e o Expurgo do Outro; a *Reificação* utiliza como estratégias típicas: a Naturalização, a Eternalização, a Nominalização e a Passivação.

ilumina a possibilidade inerente de desarticulação e rearticulação” das estruturas de poder e dominação. Os grupos que controlam os modos de produção e distribuição de informações o fazem por meio da reprodução do discurso hegemônico, como, por exemplo, a universalização de práticas particulares.

O ENQUADRE PROPOSTO POR CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH

O arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999) é uma de várias propostas que se tem na ADC para análises de mecanismos discursivos e seus efeitos ideológicos em práticas sociais particulares no contexto da Modernidade Tardia¹³. As reflexões críticas sobre as mudanças na vida social buscam compreender os efeitos da globalização, a identidade cultural e a fragmentação do indivíduo e suas possibilidades de emancipação.

O enquadre sugerido por essa autora e por esse autor se divide em cinco etapas: 1- *percepção de um problema social* (questão de pesquisa); 2- *identificação dos obstáculos para superação do problema* (análises da conjuntura, da prática particular e do discurso); 3- *análises da função do problema na prática social* (mecanismos que contribuem para manter o problema em uma prática particular); 4- *possíveis maneiras de superar o problema* (possibilidades de mudança); 5- *reflexões sobre a análise* (presente em todas as etapas das pesquisas de natureza crítica), conforme o quadro a seguir:

Quadro 01 - Enquadre para ADC proposto por Chouliaraki e Fairclough

Um problema		
Obstáculos a serem superados	(a) Análise da Conjuntura	
	(b) Análise da Prática Particular	(i) Práticas relevantes
		(ii) Relações do Discurso com outros momentos da prática
	(c) Análise do Discurso	(i) Análise Estrutural
		(ii) Análise Interacional
	Função do problema na prática	
Possíveis maneiras de superar os obstáculos		
Reflexão sobre a análise		

Fonte: Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60).

¹³ O desenvolvimento da ciência e da tecnologia como forças produtivas está relacionado ao dinamismo que influencia instituições sociais e modos de viver, de agir e de ser das pessoas. O termo *Modernidade Tardia* se refere à fase de desenvolvimento institucional caracterizada por profunda e rápida transformação social, tecnológica, cultural e econômica acompanhada “pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade” (Giddens, 2002, p. 221).

As pesquisas em ADC relacionam elementos da microanálise textual à macroanálise (social). O ponto de partida da pesquisa está na identificação de questões problematizadoras de cunho social com aspectos semióticos que em geral envolvem relações de poder que atuam por meio de redes de práticas nas estruturas sociais. Para Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), “o problema pode estar na prática social, ou na construção reflexiva da prática social”. A *percepção do problema* é o elemento motivador para a realização da pesquisa.

Após a identificação e descrição do problema a ser analisado, segue o levantamento dos elementos da *prática social que mantêm o problema e dificultam a superação do obstáculo*. Como foi mencionado anteriormente, essa etapa se subdivide em três momentos analíticos: análise da conjuntura, análise da prática particular e análise do discurso.

A análise da conjuntura é a investigação da configuração das práticas sociais relacionadas ao problema ou das quais ele provém. A conjuntura representa a rede de práticas sociais relativamente estáveis que constitui a estrutura social (Chouliaraki; Fairclough, 1999). Essa etapa do estudo propicia ao pesquisador um entendimento amplo da maneira como acontecem as interações sociais e de como os discursos se realizam.

A análise da prática em particular e do momento discursivo visa observar como os diferentes elementos da prática social se inter-relacionam dialeticamente, essa análise se subdivide em: a) práticas relevantes, b) relação do discurso com outros momentos (discurso como parte da atividade; discurso e reflexividade), conforme Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60). Kress (1998, p. 55) corrobora essa perspectiva ao afirmar que “a linguagem está não só efetivamente envolvida na produção e reprodução de outras práticas sociais, mas é, ela própria, produzida e reproduzida por práticas linguísticas, bem como por outras práticas e categorias sociais”.

Os momentos de uma prática social específica envolvem, além do discurso, outros elementos da vida social que devem ser considerados nas análises, são eles: as atividades materiais (experiências externas relacionadas ao fazer e acontecer), as relações sociais (interações que muitas vezes estão associadas às relações assimétricas de poder) e os fenômenos mentais (crenças, valores, atitudes e desejos). “Uma vez que esses diversos elementos da vida são reunidos em uma prática específica, nós podemos chamá-los ‘momentos da prática’ e observar cada momento ‘internalizando’ outros sem ser redutível a eles”, como afirmam Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21) [grifo dos autores]. Com base na proposta da autora e do autor mencionados, Resende e Ramalho (2006, p. 39) representam os momentos da prática social utilizando a seguinte figura:

Fig. 03- Momentos da Prática Social

Fonte: Resende e Ramalho (2006, p. 39).

Seguindo esse pensamento, Resende e Ramalho (2011, p. 44) afirmam que “nas práticas sociais cotidianas, utilizamos o discurso de três principais maneiras simultâneas e dialéticas: para agir e interagir, para representar aspectos do mundo e para identificar a nós mesmos/as e a outros/as”. Deste modo, se faz importante considerar nas análises, o momento discursivo de uma prática particular como resultante de relações dialéticas com outros momentos da prática social. A articulação entre diferentes práticas, constituídas pelos momentos, forma a rede de práticas sociais. A complexidade que envolve a articulação dos elementos da ordem do discurso com as estruturas sociais dificulta, por vezes, a compreensão dos atores sociais sobre as relações de dominação e outros fatores ligados à ideologia e hegemonia.

No que diz respeito à análise de discurso textualmente orientada, como discutido anteriormente, Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem tanto uma análise da estrutura e quanto uma análise da interação. Na análise estrutural, busca-se investigar como os elementos da ordem do discurso (gêneros, discursos e estilos) se articulam nos eventos e práticas sociais. Os autores defendem que a relação entre o discurso e a rede social da ordem do discurso irá depender da natureza da prática social, da conjuntura em que está inserida e como os textos são representados nessas práticas. Já na análise interacional, avalia-se os recursos linguísticos utilizados pelos atores sociais em suas interações e seus efeitos de sentido nas práticas sociais.

Além das descrições das relações entre textos, discursos, identidades, ideologias e poder hegemônico, as análises pretendem verificar os aspectos problemáticos do discurso, a *função desses na prática social*, e em que instância discursiva eles se envolvem e o que os mantém, para assim, encontrar *possibilidades de superação dos obstáculos* identificados nas análises e tentar promover mudanças sociais e a emancipação dos atores (Chouliaraki; Fairclough, 1999). É aqui que se destaca o engajamento social e político dos estudos críticos com suas pesquisas.

A reflexividade é uma característica dos estudos em ADC. Na segunda edição do *Critical Discourse Analysis* (2010), Fairclough propõe que a reflexão sobre a análise deve ser diluída em todas as demais etapas da pesquisa, e não apenas no final, sob o argumento de que a reflexividade deve perpassar todo o processo de análise. A *reflexão sobre a análise* pretende visualizar

as contribuições da pesquisa para a promoção da emancipação social, os limites das análises e alcances dos resultados, além de avaliar as contribuições para estudos futuros.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 67) encerram o capítulo¹⁴ sobre o arcabouço teórico-metodológico, ressaltando a complexidade do processo interpretativo que aglomera duas etapas: a *compreensão* e a *explicação*. A análise da compreensão textual envolve descrições e interpretações sobre as diferentes maneiras que o leitor dispõe para o entendimento e apreensão do texto, considerando as diferentes combinações das propriedades do texto, o posicionamento social, as experiências, as crenças e valores, entre outros. A explicação “re-descreve” as propriedades de textos particulares, fundamentadas por um arcabouço teórico particular, com intuito de demonstrar como o momento discursivo age na prática social considerando os efeitos das ideologias, das lutas hegemônicas e relações de dominação.

É importante destacar que a proposta de Chouliaraki e Fairclough (1999) não se trata de um método pronto e fechado, o/a pesquisador/a pode se valer de adaptações desse enquadre ou traçar outros caminhos metodológicos de acordo os propósitos de cada estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadro teórico da ADC defende que os papéis sociais são construtos de instituições e organizações sociais mediados pelo discurso, e as identidades dos atores sociais são negociações de significados representadas por vias discursivas. Entre essas relações perpassam ideologias engendradas em relações de poder. A ADC tem o propósito de explicitar, a partir de análises textualmente orientadas, relações de poder, ideologias, e efeitos construtivos que os discursos exercem sobre as identidades, as relações sociais e os sistemas de conhecimento, valores e crenças, conforme explicitado nesse levantamento teórico.

Nessa perspectiva, o discurso é entendido como uma atuação na prática social mediada pelo uso da linguagem, a partir de diferentes recursos, e não uma ação de uso individual. As condições contextuais, as identidades, os valores e as relações de poder estão presentes nos atos discursivos e também constroem as significações da realidade social. Diversos pesquisadores e pesquisadoras da ADC chamam a atenção para uma análise linguística aliada a uma análise sociológica, uma vez que os textos, enquanto materialização dos discursos são construtos realizados nas práticas sociais. Para analisar as representações, é preciso não só considerar fenômenos linguísticos e retóricos, mas também aspectos contextuais socio-histórico-político-culturais e ideológicos.

A dinâmica discursiva que acontece na rede de práticas sociais é moldada pelas estruturas sociais, ora reproduzindo discursos hegemônicos, ora constituindo discursos que

¹⁴ CHOUILIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. Chapter 4 The Critical analysis of discourse. In: **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

atuam para transformar essas estruturas. Desta forma, se faz importante uma análise crítica de discurso que promova a reflexão sobre as relações dos atores e das práticas sociais, desvele práticas opressoras e, sobretudo, oportunize aos sujeitos que estão nessas condições o empoderamento.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. 2. ed. UK: Pearson Education, 2010.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.
- HALLIDAY, M. **An Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.
- KRESS, G. Considerações de Caráter Cultural na Descrição Linguística: para uma teoria social da linguagem. In: PEDRO, E. R. (org.) **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998, p.47-76.
- KRESS, G.; VAN LEEWEN, T. **Reading Images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **DELTA**, São Paulo, vol. 21, n. spe, p. 1-9, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/LgkQwhZgkLdsMnvDLHh7znz/?lang=pt>
Acesso em: 14/07/2021

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Martin Claret, 2014.

OTTONI, M. A. R. As Representações Identitárias de Gênero no Humor Sexista. In: OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. (org.) **Discursos e Letramentos**: abordagens da Análise de Discurso Crítica. São Paulo: Cortez, 2014. p. 25-62.

OTTONI, M. A. R.; MAGALHÃES, I. Pesquisas em Análise de Discurso Crítica produzidas no Brasil de 2008 a 2017. **Revista Latino-americana de Estudos do Discurso**, v. 20, p. 112-132, 2020.

PARDO, L. Decolonização do conhecimento nos estudos do discurso. In: RESENDE, V. M. (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

PEDRO, E. R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, E. R. (org.) **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Editorial Caminho, 1998, p.19-46.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V. M.; VIERA, V. **Análise de Discurso (Para a Crítica)**: O texto como material de pesquisa. São Paulo: Pontes, 2011.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**. 9. ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and Practice**: new tools for critical discourse analysis. New York: Oxford University Press, 2008.

WODAK, R. What CDA is about: a summary of its history, important concepts and its developments. In: WODAK, R.; MEYER, M. (org.). **Methods of critical discourse analysis**. Londres: Sage, 2001, p. 1-13.

Recebido para publicação em: 24 jun. 2023.

Aceito para publicação em: 21 jun. 2024.